

CICLO MATÉRIAS VITAIS RECENSÃO CRÍTICA

RITA XAVIER MONTEIRO

inED – Centro de Investigação e Inovação em Educação, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, Portugal

ALEXANDRA BALONA

Doutoranda na European Graduate School

Resumo

O artigo presente surge da colaboração de Rita Xavier Monteiro e Alexandra Balona do MaisCrítica: seminário de crítica de artes performativas 2013 [<http://maiscritica.wordpress.com/>], projeto promovido pelas seguintes instituições: alcantara, Culturgest, Maria Matos e S.Luiz Teatro Municipal -, com o departamento de artes performativas da Fundação de Serralves. Os textos compilam a recensão crítica do Ciclo Matérias Vitais, programado por Cristina Grande e Pedro Rocha para o Museu de Arte Contemporânea de Serralves. O ciclo de artes performativas tem por ocasião a exposição de Alberto Carneiro - *Arte Vida / Vida Arte - Revelações de Energias e Movimentos da Matéria* (19 Abr -24 Jun 2013) e inspiração o livro *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things* da politóloga Jane Bennett, propondo as relações que se estabelecem no palco com os materiais inorgânicos e suas potencialidades.

Palavras-chave: crítica, artes performativas, Serralves Museu de Arte Contemporânea.

Abstract

This article arises from collaboration of Rita Xavier Monteiro and Alexandra Balona from MaisCrítica [<http://maiscritica.wordpress.com/>] project supported by the following institutions: alcantara, Culturgest, Maria Matos and S.Luiz Teatro Municipal -, with the department of performing arts of the Serralves Foundation. These texts include a critical review of the Vital Matters' Series, programmed by Cristina Grande and Pedro Rocha to the Serralves Museum of Contemporary

Art. The series of performing arts follow the exhibition of Alberto Carneiro - *Art Life / Life Art - Revelations of Energy and Movements of Matter* (19 Apr -24 May 2013) and inspired by the book *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things* of political scientist Jane Bennett, proposing the relationships that are established on stage with inorganic materials and their potential.

Keywords: criticism, performative arts, Serralves Contemporary Art Museum.

CICLO MATÉRIAS VITAIS RECENSÃO CRÍTICA



The Untitled Still Life Collection. Trajal Harrell & Sarah Sze. Interpretado por Trajal Harrell e Christina Vasileiou, Co Lab: Process + Performance, Contemporary Art Centers (CAC), NEFA – National Dance Project.

20 de abril, 2013, Biblioteca do MAC de Serralves, Porto.

Toda a linha é eixo de um universo.
Novalis

The Untitled Still Life Collection é um diálogo silencioso entre um coreógrafo, Trajal Harrell e uma escultora, Sarah Sze. É um exercício de conciliação da notação do movimento dos dois corpos, com a materialidade de uma finíssima linha de fio azul.

1 Texto publicado originalmente em Rita Xavier Monteiro <http://maiscritica.wordpress.com/2013/04/26/novelo-de-subtilezas-the-untitled-still-life-collection/>.

O que se exhibe resulta de um questionamento que é, simultaneamente, artístico e relacional. Que procura revelar uma intimidade antiga aliada a uma colaboração de dois percursos profissionais distintos. Como é que um material existe na energia entre dois corpos? Como se faz aparecer essa ação, desligando a especificidade indelével de cada prática criativa?

Este parece ser o desígnio para *The Untitled Still Life Collection*, a performance que inicia o ciclo *Matérias Vitais*. O ciclo, influenciado pelo livro da politóloga Jane Bennett “*Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*” (2012), propõe espetáculos que, através de diversas abordagens, reflitam o potencial dos materiais não-orgânicos na sua relação com o humano.

O título (ou a ausência dele) coleciona essa ambivalência. Por um lado, *still life* como natureza-morta, a matéria inerte - duas porções de fio azul são medidas e cortadas do novelo para se disporem no chão. Por outro, *still life* como algo que *ainda* é vida, numa celebração da sua efemeridade - dois corpos que se relacionam no espaço e no tempo através de um fio, por um fio.

A dicotomia, aparentemente intransponível - orgânico/inorgânico, animado/inanimado -, é problemática que se estende da exposição *Arte Vida / Vida Arte* de Alberto Carneiro recentemente inaugurada no museu. Em *Momento 13 — Três linhas do horizonte com céu aberto e uma descrição contínua de paisagens com vinte e uma imagens do teu ser imaginante*, uma fina tira de papel prolonga-se e percorre o espaço do museu, encerrando todo um horizonte de linhas que se inter cruzam com as palavras manuscritas.

Uma poética reveladora da coexistência estética do eu-corpo-natureza. Também Sarah Sze, ainda que num outro sentido, desvia pequenos objetos quotidianos dos seus respetivos destinos, articulando-os e conferindo-lhes nova vitalidade. Reservando um outro destino possível. A artista que representará os E.U.A. na Bienal de Veneza deste ano, explora a escultura e a instalação *site-specific*, numa relação entre o banal e o precioso, o residual e o monumental.

Na perpetuação desse rasto sensível, é como se as linhas desenhadas por Alberto Carneiro se animassem plasmadas no gesto dos dois intérpretes. Porém, quem agora interpreta a peça é Christina Vasileiou. A passagem de testemunho para Christina implica a possibilidade da sobrevivência da peça sem a presença de Sarah, que permanece remanescente na notação coreográfica. Esse movimento passa a ser reativado a partir do corpo da performer que é, como em Trajal, um corpo da dança.

À entrada da sala sentam-se um diante do outro, o olhar de um devolvido pelo olhar espelho do outro. E numa ritualização do gesto, suportado por uma colagem musical em surdina, iniciam uma sucessão de frases coreográficas atravessadas por um fio. Da tensão exercida sobre esse fio conexo, mostra-se

uma partitura de movimentos coordenados que se querem fazer demorar. Em certos momentos, Trajal claramente exerce o domínio, puxando o fio enquanto contrai o sobrolho. Christina, de expressão impávida e pontas nos pés, deixa-se levar pela trama, é conduzida ou a desfaz.

Daquela ténue linha azul recortada no horizonte branco do olhar, que ora se move, ora permanece fixa na imprecisão do movimento, gera-se uma obra de instalação animada. Uma paisagem que poderia caber na *op art*, pela ilusão que opera na percepção. A linha compromete todo o olhar do espetador. E, todavia, essa matéria não se autonomiza das mãos que a conduzem, enrolando-se nos dedos dos performers através do arquétipo movimento circular dos braços. Por vezes a conexão não pode deixar de ser equívoca, de ser múltipla: vemos o jogo (a cama-do-gato), a medida de um espaço ou o cálculo de coordenação dos dois corpos, o equilíbrio e o desequilíbrio. Vemos o traço, a escrita...o desenho do tempo.

Num determinado momento da curta performance, Christina parece vestir Trajal com aquela linha, qual jóia preciosa. Trajal exhibe-a na contração quase imperceptível de cada músculo do peito, para depois se libertar, contorcendo o corpo todo em movimentos fluídos e numa atitude contemplativa de si próprio. Retomada a conexão, comunga-se a evocação do animalesco: o performer absorve com a boca toda a porção do fio de ambos. E depois expele-o, algo próximo da *Baba Antropofágica* de Lygia Clark.

Fragilidade e imprevisibilidade, a cada uma das quatro exibições surge algo de novo.

A performance *The Untitled Still Life Collection*, delicada e comovente, coloca a subtilidade no centro da atenção, descobrindo o raro, o quase-velado. O quase-inacessível está a caminho do sublime, numa espécie de aparição. Talvez a possamos situar, no contexto do relevante percurso de Trajal Harrell, já a caminho do Butoh - a “dança das trevas” japonesa do pós-guerra -, que explora atualmente na mais recente obra *Used, Abused and Hung Out to Dry, estreada em Fevereiro no MoMA*. O criador nova-iorquino desenvolve a sua pesquisa coreográfica na combinação da dança pós-moderna, particularmente da Judson Church, com o *voguing*, expressão social da década de 60 que combina poses e estereótipos praticados sobretudo por gays, transsexuais, latinos e afro-americanos.

À saída da biblioteca de Serralves, atravessando a mostra de documentação de Carneiro, reparo no título de uma exposição sua de 1981: *O Corpo Subtil*.

The Untitled Still Life Collection torna-se um culto ascético entre dois corpos e uma matéria vital, como novelo para múltiplas tramas e desenlaces. Um novelo de subtilidades.

(RES)ONÂNCIAS VITAIS²



Fotografia de Daniel Malhão

Eye Height .Co-criação e Interpretação: Beatriz Cantinho e Ricardo Jacinto.

Bailarinos: Beatriz Cantinho, Filipe Jácome, Francesca Bertozzi. Músicos: Nuno Torres (Saxofone Alto), Ricardo Jacinto (Violoncelo). Acompanhamento técnico (Som): Ruben Santiago. Produção executiva: Sara Morais. Figurinos: Mariana Sá Nogueira. Produção: Menino Exemplares. Projecto financiado pelo Ministério da Cultura/ Direcção Geral das Artes e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 11 e 12 de maio de 2013.

A alma é um acorde; a dissonância, a sua doença.
Pitagóricos

A paisagem visual que recorta o olhar corresponde à paisagem sonora que em *Eye Height* se inicia.

Os músicos, os intérpretes e o ambiente aguardam o silêncio inaugural. Uma aura é criada depois do público ocupar lateralmente os lugares dentro do palco do auditório de Serralves.

O ambiente é intimista. No centro um outro palco sobre o palco. Protagonista da cena, um feixe de luz salienta a madeira de carvalho polido de que é construído, a partir de nove elementos conjugados que formam nove ondas. O palco é lugar de produção coreográfica e musical. E ele é também instrumento musical. Uma caixa de ressonância.

² Texto publicado originalmente em Rita Xavier Monteiro <http://maiscritica.wordpress.com/2013/05/23/ressonancias-vitais-eye-height/>

Eye Height é o segundo espetáculo do ciclo *Matérias Vitais*, programado por Cristina Grande e Pedro Rocha. É um projeto colaborativo entre a coreógrafa e investigadora Beatriz Cantinho e o compositor, músico, artista plástico e arquiteto Ricardo Jacinto. Importa a enunciação das várias competências dos dois criadores porque neste espetáculo elas estão plasmadas de um modo tão evidente quanto coeso e fluído. O objeto podia funcionar como uma peça escultórica que se relaciona e emerge do título e da obra em exposição de Alberto Carneiro - *Arte Vida / Vida Arte – Revelações de Energias e Movimentos da Matéria* – o mote para este ciclo de artes performativas. Enquanto palco, chão, ele aparece com uma arquitetura orgânica pela irregularidade e aconchego que transmite aos corpos que o irão habitar. *Eye Height* também originou uma vídeo-instalação que se torna a *dimensão cinematográfica do projeto*, exposta em alguns espaços e galerias³. Este outro objeto de registo pretendeu desenvolver a atenção perceptiva do espetador mediado através de três planos de vista síncronos expostos, evidenciando a imersão no palco. A pesquisa em torno da apreensão visual estética e na performance é, de resto, o interesse de Beatriz Cantinho.

Ao espetáculo precedeu um *workshop* com os bailarinos convidados Vera Santos, João Martins e Luís Guerra e os músicos Susana Santos Silva e João Pais Filipe, cujo resultado igualmente se exibiu. Além disso, realizou-se um *workshop* para jovens, cumprindo a dupla função pedagógica de experimentação musical e do movimento.

Os músicos localizam-se nas extremidades daquela estrutura quadrada, a par dos espetadores. Ricardo Jacinto está no violoncelo e Nuno Torres no saxofone alto, instrumentos que exploram pela improvisação livre, ou procura de sonoridades que se pretendem contínuas, orgânicas. Às vezes lembram uma espécie de rumor líquido, quase murmúrio seminal, embrionário, intra-uterino. Ouvem-se as cerdas do arco que deslizam a madeira do violoncelo, o sopro no metal do saxofone abafado... Outras vezes, quebram notas musicais que surgem mais melodiosas. Trata-se, ao mesmo tempo, de buscar formas de relação com o instrumento que habilmente dominam, conectando-se com aquele objeto cenográfico maior - o palco - que ali, visualmente, se impõe.

O diálogo com o instrumento-palco implica este ser ocupado, ser tocado. São os corpos dos bailarinos que, sempre numa postura horizontal, o animam. Beatriz Cantinho, Filipe Jácome e Francesca Bertozzi aconchegam-se e rastejam nas ondas do palco até voltarem a abandoná-lo, uma e outra vez, sentando-se entre o público. A coreográfica é também improvisada, os corpos fechados so-

³ Carpe Diem – Arte e Pesquisa, Galeria Fernando Santos e Sonorities - Festival of Contemporary Music.

bre si próprios, introspetivos; embora se sinta uma notação de orientação conjunta em determinados momentos, sobretudo no final. É movimento resvalante e sonoro. A fricção dos corpos facilitada pela borracha dos figurinos negros aquecem o som da caixa. São as pancadas secas na madeira que o fazem ecoar pelo espaço. Em posturas embrionárias e gestos de percursão, a acústica é convocada de um modo quase cósmico que me faz pensar nos pitagóricos.

Nas descobertas dos intervalos musicais, os pitagóricos pensaram a harmonia como uma bela proporção matemática traçada pela movimentação planetária. Também por baixo do palco-instrumento as cordas afinadas são excitadas pela movimentação dos intérpretes e vibram por simpatia. A vibração emana e estende-se aos corpos que estão em contacto. Imagino que se possa assemelhar a uma massagem sonora. Entre os harmónicos dos instrumentos e o eco daquele dispositivo parece que se busca essa espécie de ruído das esferas, do cosmos. Uma música pouco definível, mas permanente, um *manto sonoro*.

Há uma sensação de desequilíbrio sonoro, não sei se propositada, entre a ressonância subtil e levemente amplificada do palco e a amplificação dos instrumentos.

O *blackout* anuncia o desfecho. O silêncio e a escuridão finalizam esta paisagem à altura do olhar - *Eye Height* - um poderoso trabalho em torno do corpo, dos objetos, da sua alma e seus acordes vitais.

XAMÃS CONTEMPORÂNEOS ⁴



Fotografia de Silvana Torrinha.

Akio Suzuki & David Maranhã. Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Parque de Estacionamento, 16 de junho de 2013, às 17 horas.

A mesma paisagem escuta o canto e assiste a morte das cigarras.
Matsuo Bash

A Natureza nunca se apresenta absolutamente silenciosa: brisa, borboleta, voo, pássaro, rio, onda, chuva, trovão, luz, lua, folha, rocha, montanha... O que dela escutamos? Em que cremos quando penetramos no seu holismo musical?

Integrada no ciclo *Matérias Vitais*, esta performance sem nome surge da colaboração entre o japonês Akio Suzuki - figura incontornável da performance e experimentação do som desde inícios dos anos sessenta e David Maranhã - um dos pioneiros da música experimental portuguesa. Juntos e cúmplices na linguagem sonora, iniciam uma viagem sem destino, intuitiva, vagueando ao sabor dos ruídos que improvisam.

⁴ Texto publicado originalmente a 23 de junho de 2013 no Público -P3 Rita Xavier Monteiro <http://p3.publico.pt/cultura/mp3/8368/akio-suzuki-amp-david-maranhã-xamas-contempo>

O parque de estacionamento do Museu de Arte Contemporânea de Serralves é o lugar escolhido para o segundo encontro com o público. Espaço frio, acanhado e cinzento, de onde se recorta (como convém ao arquiteto Álvaro Siza) uma entrada de luz e o verde dos arbustos exteriores. Desde a entrada, enquanto os espetadores ocupam o espaço em círculo, Suzuki toca uma flauta artesanal, movimentando-se em passos lentos. A paisagem é aquecida pelo som das batidas do tambor xamanico de Maranha que reverbera pelo ar, penetrando a matéria dos corpos que vibram com ele. Associa-se ao ritmo físico interno, da terra, que é o do bater do coração e que antecipa uma espécie de ritual ancestral.

A paisagem é também visual, mesmo aos que fecham os olhos para que seja imaginada. Com Suzuki, na sua postura enraizada ou balançada, na gestualidade fina, mas precisa, manifesta-se, quase sem equívocos, a origem xintoísta. Trata-se da expressão e celebração do divino copulando o céu e a terra como culto dos *kami*. A presença e permanência serena do performer associa-se à manipulação contínua dos instrumentos que o próprio constrói: a flauta substitui uma pedra-flauta herdada e perdida algures pela Europa; o *Analapos*, criado nos anos setenta e composto por dois cilindros metálicos unidos por um cabo espiralado, propaga ecos acústicos e *De Koolmees*, uma estrutura onde estão suspensos tubos ocios em vidro, produz um som agudo e melodioso. Suzuki pertence às vanguardas dos movimentos Fluxus e Gutai que reiteraram uma nova relação com os materiais inertes e suas potencialidades. E isso reflete-se, tal como em Maranha, no diálogo introspetivo que realiza com aqueles objetos. A repetição hipnótica dos sons e seus rumores transmite uma sensação de embalo. Porque afinal a paisagem musical é uma partitura livre que desenha a ligação aos quatro elementos vitais que claramente vamos identificando - Ar, Terra, Fogo, Água.

No final, os músicos recolhem-se do público rumo à entrada exterior. As palmas surgem pausadas mas ininterruptas nos corpos entorpecidos e aterrados da viagem. Akio Suzuki & David Maranha tornaram-se ali xamãs contemporâneos, visionários de uma conexão orgânica primordial sugerida pela abstração da música. E lá fora, no dia escuro, um pássaro cantou.

raneos.

FEMMES SAVANTES EM EXPLORAÇÃO SONORA (POR ALEXANDRA BALONA⁵)



Fotografia de Silvana Torrinha.

Andrea Neumann & Sabine Ercklentz. *Pioneirinnen der Klangforschung*. [Pioneiras da Investigação do Som]. Museu de Arte Contemporânea de Serralves: Sala Multiusos, 15 de Junho de 2013, 19h.

Para Andrea Neumann e Sabine Ercklentz, músicas experimentais e performers sediadas em Berlim, os seus instrumentos não são simples dispositivos mediadores entre o corpo e o som, mas prolongamentos corporais ou superfícies onde o corpo penetra e, neles, se torna agente. O som não é somente a devolução do sopro, no caso do trompete de Sabine, nem do toque, no piano desmantelado de Andrea. Há uma expressão performativa do corpo no espaço, do corpo nos instrumentos e da tecnologia a subverter qualquer certeza do que presenciamos.

5 Texto publicado originalmente em Alexandra Balona <http://maiscritica.wordpress.com/2013/06/23/andrea-neumann-sabine-ercklentz-femmes-savantes-em-exploracao-sonora/>. Alexandra Balona é doutoranda na European Graduated School, com o tema *Arquitetura e Performatividade* (2009-). Pós-graduada em Teoria de Arte Contemporânea (Escola das Artes – UCP, 2007). Licenciada em Arquitectura (FAUP, 2001). Formação complemen-

Esta contaminação entre a (i)materialidade do corpo, som, objectos e tecnologia instala este evento, confortavelmente, no ciclo Matérias Vitais, a decorrer no Museu de Serralves, no Porto.

Um evento tripartido: solo de Sabine Ercklentz (trompete, electrónica), solo de Andrea Neumann (piano desmantelado, electrónica), seguido da projecção do filme “Pioneirinnen der Klangforschung” [Pioneiras da Investigação Sonora] – projecto de vídeo em colaboração com a fotógrafa Anja Weber, musicado ao vivo pela dupla.

No primeiro momento, estão dispostos vários e diferentes amplificadores sonoros numa extremidade da sala multiusos. Com o trompete, Sabine Ercklentz deambula pelo espaço e improvisa sons, ruídos, grunhidos e sussurros. Interage com os amplificadores e com o som manipulado que emitem, altera o seu posicionamento e direcção, modelando os cheios, os vazios e o espaço-entre que o som produz.

Num segundo momento, Andrea Neumann opera o seu piano desmantelado (versão desconstruída do piano preparado de John Cage), colocando objectos entre as cordas, improvisando paisagens electro-acústicas metálicas, abstractas e, por vezes, estranhamente familiares. O seu corpo inicia movimentos subtis: o acento de um ombro, a oscilação do tronco ou da cabeça e, desconcertados, apercebemo-nos que é o movimento do corpo o agente sonoro, mediado por imperceptíveis ligações electrónicas.

No final, as artistas musicam o filme “Pioneirinnen der Klangforschung” no qual abordam, não sem ironia, o imaginário idílico do homem (neste caso mulher) modernista, pioneiro(a) na exploração da natureza e, com um piscar de olhos, satirizam a comparação ingénua e frequente entre a sua música e os sons da paisagem. No filme, a androgenia de Sabine e Andrea recordam-nos figuras femininas do modernismo do século XX, nomeadamente, a escritora e fotógrafa Annemarie Schwarzenbach. Ainda, o cenário do filme poderia bem ser o habitat natural de comunidades contra-cultura da época, como a colónia Monte Verità, onde intelectuais e artistas partilhavam projectos sociais, artísticos e relacionais alternativos.

Sabine e Andrea, cada uma com uma escultura cónica auditiva, exploram a paisagem na prospecção íntima das suas sonoridades e ruídos. Não se tratará

tar em dança contemporânea com coreógrafos nacionais e estrangeiros. Colaboração em gabinetes de arquitetura portugueses e suíços (2001-2009). Publicações no âmbito das artes performativas, artes visuais e arquitectura.

aqui de um apologia da imersão sonora do homem numa natureza (perdida) mas, ao invés, uma sátira de duas femmes savantes que, em cenário idílico e mediadas por dispositivos auditivos, reiteram a contaminação inescapável do homem e da tecnologia na sua relação com o mundo.

COZINHAR OS SONS⁶



Fotografia de Silvana Torrinha.

Concerto em Auscultadores. Les Femmes Savantes. Interpretação: Sabine Ercklentz (composição, trompete, eletrónica), Hanna Hartman (composição, objetos, eletrónica), Andrea Neumann (composição, interior de piano, mesa de mistura), Ana Maria Rodriguez (composição, eletrónica), Ute Wassermann (composição, voz, apitos, objeto).

Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Parque de Estacionamento, 16 de junho de 2013, às 19 horas.

Auscultação: inspecionar os ruídos dos corpos. Este é o ofício a que se propõe o coletivo Les Femmes Savantes no concerto apresentado no Museu de Arte Contemporânea de Serralves e para o ciclo Matérias Vitais.

Composto cinco mulheres, artistas de diferentes nacionalidades mas residentes em Berlim, Les Femmes Savantes apropriam-se do título da célebre comédia

6 Texto publicado originalmente em Rita Xavier Monteiro <http://maiscritica.wordpress.com/2013/06/28/cozinhar-os-sons-concerto-em-auscultadores/>.

satírica de Molière (1672). E é também com humor e inteligência que exploram um exigente trabalho de sonoplastia em torno da relação - no feminino - com diferentes superfícies e texturas orgânicas ou objetuais.

Em *Concerto em Auscultadores*, as bancadas saltam para o interior do palco do auditório, criando o ambiente intimista a que esta programação nos vem habituando e cada espectador coloca os auscultadores que lhe estão destinados. Ao centro, seis mesas com objetos distintos e uma tela localizam as sete peças, que vão sendo sucessivamente iluminadas.

Na primeira, uma papa de aveia ferve em três tachos acompanhada ao trompete.

Os ruídos produzidos são praticamente inaudíveis, por isso forja-se a sua percepção mais profunda, através da amplificação acústica. Assim, os microfones, as mesas de mistura e as dezenas de cabos conectados convivem habilmente com instrumentos e materiais do quotidiano: colhetes de pau, uma jarra com água, um esfregão, apitos, várias bolas e um leitor de CD... criando um ambiente sonoro rico e inaparente na sua relação com os objetos. No solo de Ute Wassermann são experimentadas as hipóteses multifónicas da voz humana, proposta de um workshop e performance, realizado durante o Serralves em Festa. Além dos objetos, também processos fisiológicos como o da deglutição (de batatas fritas com ketchup, de uma maçã) ou da própria movimentação orgânica do corpo humano são penetrados até à ínfima música do seu interior. Mas há lugar, ainda que como complemento, para o vídeo: um jogo abstracionista feito da repetição de imagens e efeitos de luz e sombra no palco.

Descontraídas e seguras, o grupo das mulheres “*sabichonas*” cozinhou o universo dos micro-sons na direção direta dos nossos ouvidos. Um concerto em que o mínimo se torna máximo.